

EDITORIAL

Uma das mais belas lições apresentadas pelos autores da Teoria crítica da Escola de Frankfurt – sobretudo, Theodor Adorno – diz respeito à denúncia relativa à incapacidade do homem de abarcar, de forma ideal, o conhecimento enquanto representação do “todo”, compreendido como verdade absoluta pela pretensa clareza de erudição. Isso se revela tanto do ponto de vista da teoria quanto do método (em termos da prática). Esteticamente e contraditoriamente, essa aporia inscreve o trabalho intelectual em uma espécie de apropriação indébita por parte de seu “depositário”. Por essas premissas, restaria ao sujeito do conhecimento sobrepujar o próprio narcisismo, reconhecendo sua inescapável condição de desamparo. Isso indicaria ao conhecimento certa beleza ambivalente, catártica: rica e indigente, inesgotável e frágil.

Com base na teoria freudiana, Adorno constata uma luta titânica do homem moderno que persegue o conhecimento verdadeiro, enredado pela autopreservação e a autodestruição, perpassadas pela elaboração da cultura que se revela, entre outras obras, no livro *Mínima moralia*: “Antes de tudo uma coisa, meu filho. O que é imoral na mentira não é a violação da sacrossanta verdade. A última coisa que tem o direito de apelar a esta é uma sociedade que coage seus membros compulsórios a se explicarem, de forma a poder então apanhá-los de um modo ainda mais seguro. Não cabe à verdade universal insistir na verdade particular, que ela no entanto imediatamente converte no seu contrário” (ADORNO, 1993). A mentira manifesta na razão *do* e *pelo* sujeito torna-se exitosa, porque, de um ângulo específico, é racionalmente consentida, enquanto, do ponto de vista genérico, é mitificada. O tabu do conhecimento consiste no fortalecimento do caráter narcisista e onipotente do sujeito face ao objeto por ele subjugado, condicionado pela imposição. Essa extrema identificação do sujeito com o objeto permite que se conjecture analogicamente: se o conhecimento fosse um sujeito, seria o mais vaidoso de todos.

Pelos princípios expostos, emergem perspectivas acerca do conhecimento que ancoram a organização deste Dossiê – *Teoria crítica, psicologia e educação* –, cujo intuito se limita a reunir estudos e pesquisas em torno da relação entre aspectos subjetivos e objetivos que fundam a proposição da

formação cultural, amparada pelas áreas da psicologia e da educação à luz da teoria crítica frankfurtiana. Dado que o pensamento freudiano é um dos fundamentos básicos para essa teoria, destaca-se a importância da psicanálise como uma das principais abordagens do campo da psicologia, devendo também ser ressaltada no amplo arcabouço da teoria do conhecimento. Não obstante, em respeito à contribuição marxiana para a teoria crítica em geral, preserva-se, de modo igual, lugar de honra ao materialismo histórico enquanto possibilidade de uma verdadeira práxis, combatida, há décadas, devido ao poder de controle e reestruturação dos mecanismos culturais de dominação a serviço da manutenção do poder sistêmico. Atacada em suas possibilidades, a práxis marxiana supera a própria contradição rumo a um movimento maior de transgressão; sonda contingências que escapam ao opaco totalitarismo da cultura fetichizada.

Desse contexto, afloram possibilidades para a composição de uma educação entendida como campo cultural amplo. Por uma dinâmica que estabelece parâmetros de leitura da realidade, a partir de estudos e pesquisas que visam descortiná-la, sobretudo, ao se mobilizarem esteticamente alicerces teóricos medulares, destacam-se: Arte, História, Psicologia, Sociologia e Filosofia. Parâmetros esses que, embora permeados pela contradição, se consolidam como sustentáculos para a compreensão dos processos formativos que geram concepções de sociedade, indivíduo e conhecimento na contemporaneidade.

Silvia Rosa da Silva Zanolla
(Coordenadora)